

# INDISCIPLINA NA ESCOLA: AÇÕES DOCENTES FRENTE A ESTE DESAFIO<sup>I</sup>

Silvia de Borba Rocha<sup>II</sup>

Mariléia Mendes Goulart<sup>III</sup>

**Resumo:** A indisciplina no ambiente escolar, apesar de não ser uma temática recente, vem se agravando de maneira que nem a escola e nem a família conseguem solucionar o problema. Figura entre as queixas dos profissionais da educação e pode apresentar-se como causa para défices de aprendizagem. Diante dessas preocupações partiu-se da situação problema: como os professores podem e devem trabalhar com a criança nos momentos de indisciplina? Buscou-se responder alguns objetivos, de forma geral, compreender como os professores lidam com a indisciplina das crianças no ambiente escolar e, especificamente, apresentar os fatores que possam contribuir para que uma criança se torne indisciplinada e, sobretudo, relatar as ações docentes diante de experiências de indisciplina por parte das crianças no ambiente escolar. Os resultados foram alcançados mediante uma pesquisa de abordagem dialética que, de acordo com seus objetivos, deu-se de maneira exploratória. A proposta planejada para a coleta de dados definiu a pesquisa como estudo de caso e a análise de dados como qualitativa. A população/amostra foi constituída por uma professora, a qual esteve regente de uma turma do segundo ano do ensino fundamental no ano de 2019, e que vivenciou experiências com uma criança agressiva/indisciplinada no contexto escolar. Partindo do conhecimento prévio, da larga experiência e grande preparo da referida professora, optou-se por estudar/pesquisar a experiência vivenciada.

Palavras-chave: Disciplina. Indisciplina.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo trata do tema indisciplina na escola e as ações docentes frente a esta situação que se acredita ser um desafio para a profissão. Pensar sobre esse tema como um desafio ancora-se em experiências vivenciadas durante a minha formação no Curso de Pedagogia, nas muitas horas práticas em diversas escolas constatou-se comportamentos não esperados, tumultos em sala de aula e agressividade. Nessas ocasiões identificou-se professores pouco preparados para atenuar essas situações e/ou utilização de estratégias de solução e prevenção que não auxiliavam resultados positivos. Na verdade, na grande maioria das situações, observou-se o encaminhamento das crianças envolvidas para a coordenação.

---

<sup>I</sup> Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Graduação Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. 2020.

<sup>II</sup> Acadêmico do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul. E-mail: silviarocha811@hotmail.com.

<sup>III</sup> Orientador: Prof. Mariléia Mendes Goulart, Me, Professor (a) Titular na Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL.

Outro fato que se entende preocupante é que, no mesmo período de formação e contato com as escolas, não se presenciou a abordagem dessa temática no ambiente escolar, seja em reuniões ou encontros de formação.

Foram essas preocupações que remeteram à pesquisa. Partiu-se da seguinte situação problema: como os professores podem e devem trabalhar com a criança nos momentos de indisciplina? Objetivou-se, de forma geral, compreender como os professores lidam com a indisciplina das crianças no ambiente escolar e, especificamente, apresentar os fatores que possam contribuir para que uma criança se torne indisciplinada e, sobretudo, relatar as ações docentes diante de experiências de indisciplina por parte das crianças no ambiente escolar.

O método de abordagem da pesquisa realizada foi dialético, pois propôs-se a descrever e refletir acerca da realidade pesquisada. Considerando os seus objetivos, tratou-se de uma pesquisa exploratória que pretendeu buscar maior familiaridade com o tema. A proposta planejada para a coleta de dados definiu a pesquisa como estudo de caso e a análise de dados como qualitativa. A população/amostra foi constituída por uma professora, a qual esteve regente de uma turma do segundo ano do ensino fundamental no ano de 2019, e que vivenciou experiências com uma criança agressiva/indisciplinada no contexto escolar. Partindo do conhecimento prévio da larga experiência e grande preparo da referida professora, optou-se por estudar/pesquisar a experiência vivenciada. Com o aceite da professora em contribuir com a realização da pesquisa, foram previstos encontros presenciais para a realização de entrevistas, porém, em função da pandemia do COVID-19, essa foi realizada via e-mail, valendo-se de questões não estruturadas e de solicitação de livres depoimentos da professora.

Nesse artigo, na sequência da presente introdução, estão dispostos os dados coletados com as análises realizadas a partir de teóricos revisados, os quais permitem e fomentam a reflexão da realidade investigada e, após, à guisa de conclusão do artigo, estão as considerações finais.

## **2 INDISCIPLINA NA ESCOLA: AÇÕES DOCENTES FRENTE A ESTE DESAFIO**

Viver em uma sociedade pressupõe regras que possibilitem o diálogo, a cooperação e a troca entre os cidadãos, como condições necessárias para o bom convívio social. O ambiente escolar não é diferente. A escola, sendo uma das primeiras instituições sociais que o sujeito frequenta como espaço de interação é constituída principalmente protagonizada pela relação professor-aluno e pela produção do conhecimento de ambos, assim, concebe-se essa instituição como parte das práticas sociais. Portanto, nesse ambiente também se fazem necessárias a

criação coletiva de normas que orientem o seu funcionamento e a convivência de todos que nela atuam. Essas normas esbarram, inicialmente, nas diferentes ideias defendidas em relação ao papel da instituição escolar para seus principais atores. Segundo Aquino (1996) uns defendem esse papel como um serviço prestado à apropriação, por parte da clientela, dos conhecimentos acumulados pela humanidade. Outros têm como concepção a função da escola em preparatória do jovem cidadão para experiências interpessoais.

Entende-se que, independentemente das diversas atribuições atreladas ao papel da escola, toda e qualquer dessas atribuições ao ambiente escolar não nos deixam imunes às situações de possível indisciplina. Situações estas que, por sua frequência, estão se tornando parte do cotidiano escolar e, por muitas vezes, banalizadas. Uma visão fatalista e que tende à naturalização dessas ações desordeiras no cotidiano das instituições de ensino, Boarini (2013 apud FERSAP, 2008) enfatiza que a indisciplina “está de tal forma disseminada no ensino público que muitos professores já não se queixam à Direção e convivem com a indisciplina como se fosse norma escolar”. Para o autor, a falta de atenção, desrespeito com os demais membros da instituição, conversas paralelas durante as aulas, atrasos na entrada, agressões verbais e físicas, entre outros, fazem parte do cotidiano da maioria das salas de aulas. Esse fenômeno representa uma das principais causas de défices nas aprendizagens. Figura também uma das maiores queixas dos profissionais da educação. Esses eventos, apesar de não serem uma temática recente, vêm agravando-se de maneira que nem a escola e nem a família conseguem solucionar o problema.

O fato de se ter diferentes visões acerca, do que seja, disciplina, ou indisciplina, por parte dos componentes da comunidade escolar, professores, direção, orientadores, pais, alunos, pesquisadores do tema etc., influencia significativamente no processo educativo na instituição escolar.

A multiplicidade de interpretações, a complexidade do tema, as características atribuídas por diferentes análises, as particularidades de cada caso, dificultam o consenso entre os envolvidos, tornando ainda mais complexa a compreensão em relação as causas desses acontecimentos e a criação de estratégias para lidar com esses fenômenos. Segundo Boarini (2013, p. 128), [...] o caráter social do comportamento disciplinado/indisciplinado exige que, para compreendê-lo abdicuemos da ideia do aluno naturalmente indisciplinado. A indisciplina ou mesmo a subversão (saído do âmbito escolar) podem ter outras conotações dependendo do período histórico que se vive. [...].

Enfim, são as normas construídas pela família, pela escola ou pela sociedade em geral, em determinados momentos históricos, que atribuem o significado do comportamento

disciplinado ou indisciplinado. Esse pressuposto destaca a necessidade de a escola acompanhar o tempo histórico do aluno. É importante destacar também que a escola, pensando nas relações de poder que ocorrem no seio de suas interações sociais, muitas vezes pode ser contraditória. Enquanto instituição, que busca emancipação e autonomia dos sujeitos, muitas vezes utiliza os preceitos da educação tradicional, promovendo a disciplinarização dos corpos, numa tentativa de moldar os indivíduos ao que vê como comportamentos adequados. Muitas dessas instituições continuam com métodos de ensino de décadas atrás, transformando ações corriqueiras em atos indisciplinados. Tal fato deixa transparecer as diversas formas de entender o que é a disciplina.

Em geral, o cumprimento das regras impostas pode ser conceituado por disciplina. Entretanto, não se pode tão somente identificá-la como silêncio, ordem ou comportamentos dessa natureza. A disciplina é fundamental para a evolução de qualquer atividade. Afirma Boarini (2013 apud CARVALHO, 1996, p. 132) que “agir disciplinadamente em um jogo de futebol, em um mosteiro ou em um laboratório requer não só ações diferentes, mas um espírito diferente até em relação às próprias regras. Em um, o silêncio pode ser fundamental e em outro, um entrave”. Ainda nesse prisma, a disciplina não pode ser entendida como um comportamento padronizado, rígido, unicamente regulamentadora. Nessa perspectiva, pode-se impedir a criatividade. Contrariamente a esse cenário, é necessário atribuir ao trabalho docente o reconhecimento das bases trazidas pelo aluno, mesmo que avalie como deficiente.

Diante desse reconhecimento e de acordo com o seu campo de conhecimento, o professor pode criar condições de fortalecer essa base quando ela se apresentar limitada, tornando a regulação dessa relação fundamentada no conhecimento. Ratificando as palavras de Aquino (1996, p. 51): “Por meio dela, pode-se fundar e/ou resgatar a moralidade discente na medida em que o trabalho do conhecimento pressupõe a observância de regras, de semelhanças e diferenças, de regularidades e exceções. [...] A questão fundamental está na transformação desta turbulência em ciência, desta desordem em uma nova ordem”

Isso tudo dependerá das práticas abordadas pelo docente na formulação e gerenciamento desses novos conhecimentos. Pressupondo sempre um recomeço, visto que, ao longo do cotidiano da prática docente aparecerão novos alunos, novas turmas, e cada uma trará suas especificidades. “É preciso, pois, reinventar continuamente os conteúdos, as metodologias, a relação. E isto também é conhecimento!”. (AQUINO, 1996, p. 53). Pelo exposto, compreende-se que a indisciplina e a ação tomada diante da mesma, estão atreladas diretamente as relações professor-aluno, visto que “a saída possível está no coração mesmo desta relação professor-aluno, isto é, nos nossos vínculos cotidianos e, principalmente, na maneira com que nos

posicionamos perante o nosso outro complementar. Afinal de contas, o lugar do professor é imediatamente relativo ao de aluno, e vice-versa. (AQUINO, 1996, p. 50).

Para entender melhor essa relação professor-aluno, trazemos a narrativa, por meio de entrevista, da experiência de uma professora que trabalhou 35 anos no magistério do Ensino Fundamental, sendo reconhecida por colegas e famílias como profissional de grande comprometimento com a educação e o sucesso das crianças. Atuou como docente em turmas de 1º e 2º ano do Ensino Fundamental e na formação docente<sup>IV</sup> no Ensino Superior. A disponibilidade da professora em contribuir com a pesquisa foi essencial para a elaboração deste artigo que, com a devida permissão, utilizará seu nome real, qual seja, Prof. Márcia Niero<sup>V</sup>. A referida entrevista deu-se de maneira virtual, utilizando as tecnologias necessárias para manter o afastamento social provocado pelo COVID-19.

Numa perspectiva de maior compreensão acerca das ações docentes frente as experiências de possível indisciplina dentro da sala de aula, iniciou-se a entrevista com uma pergunta de cunho geral a respeito de concepções em relação ao conceito de indisciplina a qual responde a entrevistada:

Para definir a indisciplina é fundamental que o professor tenha consciência da aula dada. A criança é um ser em formação. Então, se as crianças tiverem na frente da turma um professor que as respeita, que as escuta, que as trata como pessoas que pensam e que têm muito o que dizer, situações angustiantes provavelmente não ocorrerão. Indisciplina, é... o adulto que olha a criança e não vê. Se não vê, não percebe, não sente e então não ama a criança e a vida que ela representa com as infinitas possibilidades de manifestação dessa vida que ela traz para a escola. Penso que a indisciplina não é definida. Ela passa por focos de igual importância: 1 – Quando a escola não dá a oportunidade de participação da criança na construção das regras e quando não viabiliza canais para que ela possa levar sua crítica; 2 - Quando o professor não constrói aulas significativas; 3 – Quando a criança traz de sua vivência, posturas que não se enquadram nos valores morais. (Prof. Márcia Niero)

A resposta remete à complexidade do tema e aos diversos fatores que o envolve. Mas destacamos sobretudo, a fala da professora: “o adulto que olha a criança e não a vê”. Nem sempre o que os adultos chamam de indisciplina é um romper com normas, mas um chamar atenção para si e para suas necessidades. A fala de Trevisol e Lopes (2008 apud FRELLER, 2001) reforça a resposta da professora “a indisciplina é definida como uma forma que as crianças têm de comunicar que algo não vai bem”. A professora ainda remete sua fala para a necessidade de construções coletivas das regras, é preciso que elas definam coletivamente o

---

<sup>IV</sup> Foi o vínculo aluna-professora, na condição de acadêmica do Curso de Pedagogia da Unisul, que me aproximou da professora pesquisada.

<sup>V</sup> O nome completo da Professora é Marcia Luzia Dela Vedova Niero. No artigo seguirá abreviado conforme é conhecida no meio educacional, ou seja, Prof. Marcia Niero.

que pode e o que não pode para viverem em grupo, respeitando-se mutuamente. Talvez essa seja, uma das maiores marcas da professora entrevistada, o que a torna uma grande referência tanto na educação básica, quanto no ensino superior.

Estamos cientes que a escola está atrelada a diferentes esferas sociais: à família, às relações com outros grupos sociais, o acesso a conteúdo, imagens que são produzidas pelos meios de comunicação social, e que atuam diretamente na construção de modelos de comportamentos a serem imitados ou reproduzidos, mas cabe a escola compreender e mediar para que os sujeitos tenham atitudes mais respeitadas entre si. Além disso, há outros fatores que podem interferir para que as crianças se sintam desconfortáveis no grupo, quer seja por fatores psicológicos, familiares ou que se referem ao cotidiano da sala de aula, ou até problemas gerados por deficiências ou transtornos.

Outro destaque na resposta da professora, refere-se à correlação da atuação de docentes e práticas escolares em relação aos atos indisciplinados no ambiente escolar, temas que também estão refletidos em diversos textos de diferentes autores. Aquino (2016 apud PEREIRA; BLUM, 2014, p. 755), por exemplo, nos afirma que:

[...] a partir do momento em que o professor deixa de tratar o aluno como apenas um número e é capaz de reconhecer as peculiaridades, os desejos e as necessidades que compõem, suas práticas pedagógicas ganham outro contorno, possibilitando uma maior compreensão e ajuda no processo de desenvolvimento de cada um. Ações mais inclusivas, que facilitem a participação ativa de todos, e o respeito às diversidades podem fazer toda a diferença na estruturação das práticas pedagógico-escolares, na medida que minimizam os efeitos prejudiciais dos comportamentos indisciplinados dos alunos e otimizam as energias escolares para a produção e aprendizagem de novos conhecimentos.

O modo de condução das aulas, para diversos autores, estaria imbricado à indisciplina no contexto escolar. Mesmo que tratada de maneira indireta, a atuação do professor aparece como um vetor possível de superação dos problemas disciplinares.

Para Trevisol e Lopes (2008, p. 25) “o contexto da indisciplina está ligado, comumente a: indisciplina do aluno; indisciplina do professor; indisciplina da escola; indisciplina da família; indisciplina ligada ao descumprimento de regras”. Neste viés, a indisciplina do aluno está ligada a atitudes dele, como por exemplo, bagunçar, não fazer as tarefas escolares, ser grosseiro, envolver-se em brigas, ser desobediente etc. O aluno indisciplinado manifesta-se, muitas vezes, na forma de agitação ou comportamentos de apatia e descomprometimento.

Em consonância a essa análise Trevisol e Lopes (2008 apud CHAGAS, 2001) posicionam-se dizendo que “a indisciplina no meio educacional é vista como a manifestação de um aluno com um comportamento inadequado, um sinal de rebeldia, intransigência, desacato,

traduzido na falta de educação ou desrespeito pelas regras pré-estabelecidas, na bagunça, agitação ou desinteresse”. Corroborando com esses argumentos pode-se ainda afirmar que o aluno indisciplinado manifesta-se contrariamente ao processo educativo, demonstrando falta de vontade de estar na escola, falta de respeito pela escola e demais membros e falta de postura para frequentá-la.

Outro fator que pode ser elencado como possível causador da indisciplina no âmbito escolar é a perda de autoridade do professor, tanto no que se refere ao conhecimento, quanto à sua postura em sala de aula, implicando diretamente nesses fenômenos. Para Trevisol e Lopes (2008, p. 24): [...] muitos professores foram destituídos de seu lugar de "autoridades de saber". Estão desqualificados, desatualizados, desmotivados, utilizam procedimentos metodológicos que pouco desafiam os alunos a pensar, a construir conhecimentos. Em consequência, aulas pouco atrativas, que não estimulam a participação dos alunos [...].

Os alunos acabam por contagiar-se pelo comportamento dos professores, que muitas vezes, chegam à sala de aula desmotivados, acarretando no desinteresse por parte do alunado. Os discentes precisam ser envolvidos nas atividades propostas, o professor deve promover a mobilidade cognitiva para que, quando o sujeito estabilize seus conhecimentos, esteja estimulado a aprender mais. É oportuno salientar que é necessário diversificar os materiais e estratégias pedagógicas, reconhecer a importância de conteúdos atitudinais em suas aulas em vez de trabalhar somente temáticas conceituais e investir na formação dos docentes, a fim de corresponder às exigências do aluno e da escola de hoje.

A falta de diálogo entre os diferentes atores do contexto escolar também pode ser citada como causa da indisciplina. Porém, o mais significativo diz respeito ao compartilhamento de experiências e criação de estratégias entre o quadro docente. O professor detecta a indisciplina e atribui o responsável, porém não dispõem de estratégias verdadeiramente eficientes para lidar com essas situações. Cada docente utiliza práticas isoladas, esquecendo da natureza dos mecanismos referentes a essas questões. A pouca interatividade entre os professores e demais membros da instituição é um ponto preocupante, visto que uma ação compartilhada contribuiria significativamente para uma melhoria nas práticas pedagógicas na escola.

Procurou-se também saber se a entrevistada percebe alguma diferença entre ações indisciplinadas entre alunos de classe econômica menos favorecida e alunos de maior poder aquisitivo. Ela afirmou que não há diferença. Ainda, reitera que: “Uma pedagogia da infância que assente nos direitos da criança não é uma pedagogia balizada na situação socioeconômica, é uma pedagogia profundamente estruturada, onde tenha lugar a participação e o poder

confluente das crianças. Criança precisa ter seus direitos respeitados independente de sua condição socioeconômica.” (Prof. Márcia Niero)

A afirmação da professora, em relação a suas percepções no que tange as diferenças entre atos de indisciplina em diferentes classes econômicas, corrobora as convicções de Boarini (2013) que entende a indisciplina como um fenômeno que perpassa por todas as classes econômicas e níveis de educação, fragilizando sustentações de que a indisciplina são ações específicas das escolas públicas.

Questionou-se a respeito da percepção da entrevistada em relação à associação da indisciplina a algo específico. Em resposta, a professora diz perceber que esse fenômeno está atrelado ao desrespeito aos direitos da criança. Corroborando a essa afirmação vale destacar a verificação, em experiências no âmbito escolar, as inúmeras experiências de exclusão desses alunos. A “rotulação” depreciativa é vivenciada por muitos no ambiente escolar, fazendo com que a prática pedagógica seja excludente e reprodutora. Colocando o aluno, dito indisciplinado, em posição de “menor”, muitas vezes, tornando-o alvo de violências verbais. Essas práticas corroboram para comportamentos indisciplinados dos demais e contrariam o que nos traz a introdução dos PCN (BRASIL, 1998), “o respeito à criança e ao adolescente significa garantir-lhes a inviolabilidade de sua integridade física, psíquica e moral, preservando-os de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor”. Vale, nessa perspectiva, destacar também, que quem faz parte da escola quer se sentir parte dela efetivamente.

Ainda em relação a essa questão, foi-lhe perguntado se há um limite para o professor, tendo em vista que, em uma turma trabalha-se com diferentes crianças, e que é preciso atender e respeitar a todas. A entrevistada esclarece que: *“Não há limites, o professor deve permitir sempre a insistência no compromisso construtivo, pois evita transmitir a leviandade de apenas destruir, agredir, desfazer. O professor tem diante de si, o desafio de gerir talentos, administrar a criatividade, enfim... compromisso construtivo é construir vidas.”* (Prof. Márcia Niero)

Pode-se entender que essa afirmação da professora entrevistada remete a uma reflexão sobre a dimensão socializante da instituição escolar, atribuindo seu trabalho, primordialmente, a estruturação moral de seus alunos. Porém, para Aquino (1996) o sentido social da educação, como um todo, está em ordem contrária, isto é, acredita que a escolarização deve ser precedente aos parâmetros morais, visto que, “alguém à margem da escolarização não pode (e nem mesmo o sabe) ascender ao *status* de cidadão na sua plenitude”. (AQUINO, 1996, p. 48)

Investigou-se como, na visão da entrevistada, são administradas as situações de indisciplina por parte da gestão da escola e, se as medidas tomadas provocam algum tipo de

mudança no comportamento do aluno. Em resposta afirmou que: *“A parceria entre família e escola é fundamental para o crescimento moral, Intelectual e afetivo da criança. Costumo afirmar que escola e família têm a “guarda compartilhada da criança”. Quando há algum problema, a coordenação e o professor promovem reuniões mensais com a família para ajudar no crescimento da criança. Faz-se os devidos encaminhamentos e é percebido mudanças positivas no comportamento dela.”* (Prof. Márcia Niero)

Mesmo acreditando que família e escola são instituições “responsáveis pelo que se denomina educação num sentido amplo”, e que, o processo educacional está atrelado a articulação das mesmas, Aquino (1996) afirma que as mencionadas não se justapõem. O autor segrega as funções de ambas. Afirma que a função docente “encerra-se no conhecimento acumulado”. Indo, em parte, no sentido contrário a afirmação da professora, que indica julgar essa relação mais robusta e funcional.

Foi apurado se o tema indisciplina é tratado em reuniões e/ou encontros de formação com pais e educadores, e ainda, se os pais se interessam e procuram ajudar e/ou conversam com seus filhos. Diante dessas perguntas a docente responde que *“anualmente, é oferecido formação aos pais e educadores sobre o tema exposto. Geralmente as famílias que comparecem a formação são interessadas em ajudar na formação dos seus filhos”*. (Prof. Márcia Niero)

Diante dessa afirmativa, pode-se compreender que a possibilidade de uma reflexão acerca das definições e propostas de resolução a essa problemática, por parte dos pais, professores, alunos e demais membros da instituição, compartilhadas em reuniões e/ou encontros de formação devem ser levadas sempre em consideração. Tanto a família quanto a escola precisam estar atentos aos sentimentos, medos, dúvidas e necessidades que a criança comunica constantemente, através do seu comportamento. A identificação e compreensão das formas como o indivíduo lida com os dilemas vivenciados no seu cotidiano poderá ser o ponto de partida para a intervenção na realidade educacional.

Dando continuidade a essas questões, perguntou-se sobre recentes experiências que tenha vivenciado, em que os pais tenham participado de formação. Além disso, procurou-se saber se, na percepção da professora, de maneira geral, as escolas estão preparadas para essas situações, ao que expõe: *“A experiência vivenciada não é recente. [...] vejo que a escola ainda se preocupa muito com o conteúdo e com a nota. E quanto a criança que é para a escola indisciplinada ou é expulsa ou “abandonada” (a escola fica “aguentando” sem resolver o problema). Portanto o manejo da indisciplina exige dos dirigentes extremo talento, que se alimenta sobretudo do bom exemplo”*. (Prof. Márcia Niero)

Investigou-se também se a professora costuma conversar com os pais, em particular, a respeito das situações de possíveis indisciplinas, e como esses pais reagem. Em relação a esses questionamentos a mesma afirma que sim, *“sempre converso com a família, quando percebo situações de conflito em sala de aula. Peço o apoio dela para que a criança possa evoluir na sua condição. E geralmente, a família colabora resultando em mudanças significativas na vida da criança”*. (Prof. Márcia Niero)

Foi-lhe perguntado como lida na prática com a indisciplina quando ocorre dentro da sala de aula, quais estratégias utiliza. Como resposta a essas questões a docente elucidou que:

A verdadeira correção deve ser feita com afeto e com o sincero empenho em ajudar. Costumo observar a minha aula quando ocorreu a indisciplina (em que momento foi). Converso em particular com a criança, perguntando se ela gostaria de falar sobre tal conduta. Gosto de reforçar muito os grandes feitos que ela já praticou na turma. Depois dessa observação, procuro estar próxima dessa criança, estimulando sempre uma conduta positiva que ela apresente, pois em um clima de afeto, na certeza de se estar ao lado da criança e não contra ela, é possível fazê-la pensar, para que surja a vontade de mudar, fator indispensável, pois é ela mesma quem, de fato, fará culminar o processo da correção. A criança é quem se corrige, com os elementos e recursos postos à sua disposição. O professor poderá ensinar, aconselhar, encaminhar, exigir, mas a verdadeira correção só se inicia quando ocorre **a compreensão do erro**, a vontade de mudar e, completando o quadro, a compreensão clara da conduta certa a ser adotada. Assim, mais do que dizer “não faça mais isto”, é preciso possibilitar que a criança saiba a forma correta de se comportar. (Prof. Márcia Niero) (grifos feitos pela professora)

Com o intuito de esclarecer esses enfrentamentos, além do cunho individual, em relação ao aluno indisciplinado, procurou-se compreender, ainda, como a docente trabalha a turma quanto aos desvios de conduta do colega. A entrevistada afirmou que: *“É muito importante que a turma seja estimulada a colaborar. Portanto, é imprescindível que o professor favoreça a aquisição de muitos conhecimentos da turma que alimentem e estimulem o desenvolvimento das faculdades de: entender, refletir e pensar para agir corretamente com o colega que teve uma má conduta, favorecendo a convivência em um ambiente que efetivamente estimule o bem.”* (Prof. Márcia Niero).

A fala da professora Márcia é de uma amorosidade e um compromisso com o ser humano que nos toca e nos remete a verdadeira função da escola, no seu dizer, não falta de conduta das crianças, elas são pequenas e estão a aprender com os adultos, mas elas também, possuem potencialidades para compreender as situações, desde que sejam levada a refletir sobre suas relações com seus pares e com os adultos. Segundo Goulart, 2010, p. 56, “Se a educação que queremos construir está comprometida com a felicidade e a valorização da vida humana, temos que, de fato, conhecer e ajudar os sujeitos educativos (indiferentemente da idade em que

se encontram) a poderem ser mais inteiros em suas humanidades, de modo que suas experiências passem pela percepção de suas várias capacidades e dimensões humanas.”

Diante dessas últimas questões pode-se notar que uma ação mediadora da docente, cujo objetivo sugere apontar para a construção de um ambiente de coletividade, tanto em relação ao comportamento do aluno indisciplinado, quanto ao do grupo. Essa coletividade indica ser trabalhada de modo que atinja uma disciplina consciente e interativa. Na visão de Vasconcellos (1995) a construção do autodomínio da disciplina dá-se na troca de experiência entre sujeitos e a realidade. É necessário, portanto, indicar os limites imbricados nas possibilidades.

A fim de clarificar ainda mais o tema estudado, solicitou-se a entrevistada um relato de experiência vivenciado em sala de aula. Pela riqueza do relato optou-se por transcrevê-lo na íntegra:

Ao iniciar o ano, percebi que um aluno, vou chamá-lo de Caio, tinha muitas dificuldades de desenvolver atividades em grupo. Tanto em sala, como nas horas livres (recreio, gramado). Investiguei com a professora do ano anterior e constatei o que estava percebendo: Caio era agressivo, impulsivo. Batia constantemente nos colegas. Ninguém queria sentar-se com ele durante a aula. Percebia que isso o incomodava muito, contribuindo para que a cada dia, ficasse mais agressivo. Decidi iniciar um estudo sobre o tema amizade, fazendo a leitura e interpretação de um livro que tratava sobre o tema: Segredinhos para ampliar as amizades, de autoria de Jaqueline M. Zolet. A história relata as experiências de uma turma de crianças vivendo situações de convivência e de aprendizado, similar ao que foi vivido, o que favoreceu muito a identificação com a realidade de cada criança. Em um segundo momento, as crianças foram convidadas a responder perguntas relacionadas ao tema, como por exemplo: Como é a turma? Como resolvemos as dificuldades? Como cada um pode colaborar consigo mesmo? Com o amigo? Com as professoras? Como podemos aprender uns com os outros? O que podemos aprender juntos? Como fica o nosso coração depois de uma tarde inteira de descobertas felizes? As perguntas geraram muitas inquietudes, tanto nas crianças quanto nos professores e muitas estratégias para melhorar a convivência e ampliar as amizades. Dentre as atividades planejadas, uma foi a formação de equipes para a elaboração de páginas de um livro com ilustrações (feita pela criança) e a apresentação de soluções para as alternativas que a convivência oferece. As crianças conversaram, trocaram ideias e, em alguns momentos, surgiram conflitos e ideias divergentes – ricas oportunidades para resolvê-las com a mediação do professor. A experiência permitiu que cada criança pensasse e desenhasse algo que estava fazendo para ser mais amiga, para ampliar a amizade. O livro construído foi intitulado “Nossos segredos para ter mais amigos”, e passou a fazer parte da biblioteca da sala. Nele, as crianças relataram o quanto cada um é diferente e o quanto podem aprender com os demais e que as dificuldades podem ser resolvidas em primeiro lugar, observando-se, depois pensando e sentindo. Foi a oportunidade certa para explicar as dificuldades que cada um sentia em si e que um iria ajudar o outro para resolver. Fizemos uma grande roda pois meu objetivo era atingir o Caio. E ele se observou dizendo que tinha uma dificuldade: bater nos amigos porque eles não queriam ser seu amigo. Cada um relatou o porquê da dificuldade de ser amigo do Caio e este chegou à conclusão que teria que tratar bem o amigo para ter a amizade dele. Saímos da roda com uma missão: de observar-se em que momentos o coração fica mais alegre, repleto de felicidade. Assim como os amigos, Caio manifestava que o seu coração ficava feliz, quando tinha ao seu lado um amigo e então eu questionava: como você colaborou com o seu coração para que ele ficasse feliz? Caio manifestou: quando eu não brigo com ele. Como resultado das atividades do projeto, foi observado que a turma se tornou mais unida e vinculada e Caio conquistou um amigo na sala. As brincadeiras passaram

a ser compartilhadas de maneira mais espontânea. Outro aspecto observado foi o que se refere a autonomia e resolução de conflitos. Caio iniciou tentativas para resolver seus conflitos. Foi observado também que as crianças foram ampliando seus recursos mentais com novas compreensões e comprovando que Caio era um menino legal. Foi então que a partir daí, entramos com o plano, para que Caio conseguisse aumentar a quantidade de amigos. Foi desenvolvido outro projeto “O correio elegante”. Aproveitei o desenvolvimento do tema gêneros textuais e iniciamos o estudo sobre a carta. Cada criança, a cada dia, sentar-se-ia com um amigo diferente. No final da aula, escreveria uma carta para o amigo que passou a tarde junto nos estudos e levaria para o correio. Lembro que era a hora mais esperada da turma. As crianças gostavam de receber carta dos amigos. Levei uma caixa de correio para a sala e cada criança escrevia e depositava a sua carta na caixa do correio. O correio sempre era aberto no outro dia, no início da aula. Cada um recebia a sua carta, depois da leitura era o momento de manifestar a gratidão pela cartinha recebida. Foi observado então a ampliação de amizades do Caio e que ele estava aprendendo a discernir a boa e a má conduta e fazendo as suas escolhas. (Prof. Márcia Niero)

A beleza dessa narrativa ecoa como se fosse poesia. Poesia humana. De uma profissional que sente, toca, experimenta, analisa e contextualiza os gestos e atitudes de cada criança, cada estudante. Sua postura, não anuncia, uma “indisciplina”, unilateral, mas uma indisciplina que se dá quando se rompe com aquilo que de fato humaniza as relações. Entendemos também, que a indisciplina se dá muito mais pelo adulto do que pela criança, porque ela muitas vezes, como já dissemos é refém daquilo que o mundo a sujeita, quanto aos adultos lhes cabe uma escolha. Corroborando com essa concepção, Goulart, 2010, p. 57, “a busca de inteligibilidade sobre o ser criança, para poder alçar relações educativas mais respeitadas e significativas, que são baseadas no respeito aos seus modos de ser e viver, será deslocando o eixo de conhecimento calcado somente no desenvolvimento infantil para o foco nas culturas infantis.

Assim como nas últimas análises referentes as respostas da professora, constata-se aqui, diante desse relato, o intuito claro da profissional de trabalhar o ambiente educacional de forma que a coletividade seja a protagonista. Aponta as possibilidades levando o grupo a assumir atitudes respeitadas entre si.

A autonomia e a solidariedade tornam-se aqui pressupostos para uma aprendizagem significativa, crítica, criativa e duradoura. Aprendizagem que afastará, por certo, as dificuldades de enfrentamento das situações que se caracterizem como desafios para o educador.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste artigo apresentou-se os dados de uma pesquisa, a qual tinha por objetivo geral compreender como os professores lidam com a indisciplina das crianças no ambiente escolar e, especificamente, se propôs a apresentar os fatores que podem contribuir para que uma criança

se torne indisciplinada, bem como relatar as ações docentes diante de experiências de indisciplina por parte das crianças no ambiente escolar. Os objetivos foram alcançados, além de responder aos mesmos, levou a uma reflexão dos conceitos de disciplina e indisciplina. Discussão que embora complexa e controversa, mediante o ponto de vista de alguns autores, possibilitou o conhecimento de uma visão teórica geral e da realidade vivenciada.

Por meio da entrevista, relato de experiência e referencial teórico apresentados neste artigo pode-se aclarar algumas questões que envolvem o comportamento dos alunos ditos indisciplinados, bem como dos professores e demais membros do contexto escolar.

Pode-se constatar, também, a harmonização entre as ideias dos autores estudados e as estratégias adotadas pela professora entrevistada em relação ao enfrentamento desse fenômeno. Estratégias essas que almejam a coletividade interativa e principalmente o autogoverno do sujeito.

Outra questão percebida foi o destaque da importância na relação construtiva entre a escola e a família pelos teóricos e pela profissional. Entretanto, a abordagem do tema não se dá da mesma maneira entre os professores e gestão, tendo em vista a não assiduidade dessas questões em reuniões pedagógicas de formação de pais e professores mencionados pela docente. Ela sugere ainda, que a escola ainda se preocupa muito com o conteúdo e com a avaliação quantitativa, o que diverge de uma formação com conteúdo conceitual, procedimental e atitudinal, tríade essencial para o processo educativo.

Fundamentada em meu período de formação no Curso de Pedagogia, contato com as escolas, convívio com professores pouco preparados para atenuar essas situações, os estudos dos teóricos apresentados neste artigo e a entrevista com essa experiente profissional, há que se destacar a urgência da ampliação das discussões deste tema na formação de professores e espaço escolar. Para tal, fica evidente a necessidade de novos estudos acerca do tema, principalmente a ampliação de investigações que abranjam a assiduidade dessas questões dentro dos projetos políticos pedagógicos nos ambientes escolares pois, se as compreensões sobre os fatores causadores da indisciplina já são consideradas complexas, visto que são influenciadas por fatores individuais, relacionais, sociais e, muitas vezes, momentâneos, o enfrentamento desse fenômeno caracteriza-se ainda mais problemático. Precisa-se admitir que é necessária a construção de reflexões compartilhadas por todos que fazem parte desse cenário, em virtude de os sujeitos apresentarem diferentes visões a partir de suas ocupações na instituição. Além de compartilhadas, tais reflexões necessariamente devem implicar em ações que busquem estratégias de enfrentamento envolvendo todos os atores. A fomentação da participação efetiva

e do diálogo no âmbito escolar é vital para o estabelecimento de medidas eficientes de compreensão e embate contra a indisciplina.

Como defendem Trevisol e Lopes (2008, p. 33) enquanto o alunado continuar sendo o “sujeito da indisciplina” e os demais atores buscarem mudanças unicamente nesse indivíduo, deixar-se-á de considerar fatores constituintes do problema como o sistema de ensino e a organização escolar. Mesmo que indiretamente essa correlação seja vista como possível mediadora no que diz respeito a superação dos problemas disciplinares. O protagonismo do aluno é essencial na construção de aulas significativas e causadoras de conflitos cognitivos para ele. Além disso, a criação de condições, por meio das diferentes áreas de conhecimento, para o fortalecimento da base moral do alunado também é de extrema relevância.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Groppa. Indisciplina escolar: um itinerário de um tema/problema de pesquisa. **Caderno de pesquisa**: São Paulo, v. 46, n. 161, p. 664-692, jul./set. 2016. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742016000300664&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742016000300664&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 03 nov. 2019.

AQUINO, Julio Groppa (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 4ª ed. São Paulo: Summus, 1996.

BOARINI, Maria Lucia. Indisciplina escolar: uma construção coletiva. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**: São Paulo, v.17, n. 1, p. 123-131, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v17n1/a13v17n1>. Acesso em: 15 out. 2019.

BRASIL (1998). **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Introdução/Secretaria de Educação fundamental. Brasília: MEC/ SEF, v. 7. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2019.

GOULART, Mariléia Mendes. **Escola e Infância**: a voz da criança. 2010. 154f. Dissertação – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, Tubarão, 2010.

TREVISOL, Maria Tereza Ceron; LOPES, Anemari Luersen Vieira. **A (in)disciplina na escola**: sentidos atribuídos pelos profissionais da educação. 2008. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2008/909\\_555.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2008/909_555.pdf). Acesso em: 24 set. 2019.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Disciplina**: Construção da Disciplina Consciente e interativa em sala de aula e na escola. 4ª ed. São Paulo: Libertad, 1995.

## **AGRADECIMENTOS**

Durante todo processo de execução desta pesquisa e produção desse artigo, estiveram ao meu lado pessoas que foram essenciais na construção deste trabalho. Agradeço primeiramente à professora Nádia Sandrini, que foi quem me orientou na primeira fase deste trabalho, pela dedicação e troca durante o período de criação e ajuda na finalização deste, juntamente com minha professora e orientadora Mariléia Goulart, que de igual maneira foi fundamental neste processo.

Agradeço à professora Márcia Niero, por, prontamente, aceitar ser entrevistada e dividir seus conhecimentos e experiências.

Agradeço aos meus familiares que, sempre com muito carinho, desde o início da graduação torceram e incentivaram-me a não desistir dos meus objetivos.

A todo nosso grupo de colegas e professores, em especial Bruna, Daiana e Lara, pelo companheirismo e dedicação.

E por último e não menos importante, pelo contrário, a razão de todo meu esforço e dedicação, meu esposo Marciel e filhos Cauê e Cainã, meu muito obrigada, por toda compreensão, apoio e paciência que tiveram durante todo este tempo de formação.